



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
E. P. Thompson: razão, democracia e agir humano ¹			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Ricardo Gaspar Müller ²	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	Docente
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
A obra de E. P. Thompson reafirma a importância de um diálogo permanente entre teoria e empiria e, nesse movimento, efetiva uma mediação entre as tendências teóricas das Ciências Sociais e outros temas polêmicos do cenário político contemporâneo. Considerando as relações entre esses problemas e suas potenciais contradições, a proposta da Mesa é defender que esse debate é atual e pertinente.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Experiência, agir humano, classe			
ABSTRACT			
E. P. Thompson's work reassures the importance of a genuine, constant and critical dialogue between theory and empirical research. Along this drive, such process conveys a mediation among different theoretical tendencies in Social Sciences and other polemical subjects of the contemporary political scenario. Considering these issues, and their relations and potential contradictions, the papers presented at this table propose that E. P. Thompson's work, the debates it provokes and the arguments around it as well are actual and relevant.			
KEYWORDS			
Experience, agency, class			

Romper as estruturas e as compulsões da guerra fria requer um processo lento, complexo e por etapas. Em cada estágio iremos superar a inércia dos imensos interesses criados e dos controles ideológicos das elites dominantes. O mais importante é que continuemos apoiando-nos uns aos outros, de maneira que esse fluxo contínuo de ondas de solidariedade contribua para criar novas perspectivas de paz (E. P. Thompson).

Introdução

No contexto da guerra fria, a Grã-Bretanha havia assumido o papel de base avançada da OTAN. Frente a um eventual ataque da então União Soviética, o objetivo era o de diversificar os alvos, de modo a evitar um ataque concentrado nos Estados Unidos. Nesse cenário, o povo britânico (como o russo) seria a principal vítima do conflito. A subserviência aos Estados Unidos constituía o principal compromisso britânico com a OTAN, e os que se opunham a essa posição eram considerados rebeldes e opositores do consenso. A retórica da guerra fria reafirma, nesse período, a tônica da perseguição ao inimigo interno (Thompson, 1980, p. 267).

¹ O texto faz parte da Mesa coordenada E. P. Thompson: razão, democracia e agir humano, a ser apresentada no Encontro *Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática*, promovido pelo Niep-Marx/UFF, Niterói, dezembro 2011.

² Professor do Dept. de Sociologia e Ciência Política e do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Em resposta a essa situação, muitos militantes (na Inglaterra e na Europa), ativos na campanha pelo desarmamento unilateral, chegaram à conclusão, no início dos anos de 1980, que havia um problema central na balança de poder criada pela guerra fria. Entre outros aspectos, a evidência demonstrava que nenhum dos blocos em antagonismo (Estados Unidos e União Soviética) poderia “ganhar uma guerra”. Como ainda se acreditava que uma *razão democrática e popular* pudesse prevalecer, a luta seria definida em outro patamar, concentrando-se no questionamento e enfraquecimento do processo e de suas premissas ideológicas. A Europa era o ponto de tensão do sistema da guerra fria:

Pela primeira vez, desde a Resistência do período da guerra, há um espírito circulando na Europa que carrega uma aspiração transcontinental. O Outro que nos ameaça está sendo redefinido – não como outras nações, nem mesmo o outro bloco, mas como as forças que levam ambos os blocos à autodestruição; não “a Rússia” ou “os Estados Unidos”, mas suas instituições ideológicas, militares e de segurança, e suas oposições ritualísticas (Thompson, 1982, p. 25).³

Um dos militantes mais importantes desses grupos era justamente E. P. Thompson. Os argumentos de nosso artigo se baseiam fundamentalmente em suas reflexões e proposições.

Sua obra reafirma a importância de um diálogo permanente entre teoria e empiria e, nesse movimento, efetiva uma *mediação* entre as tendências teóricas das Ciências Sociais e outros temas polêmicos do cenário político atual: questões associadas às tendências neopragmáticas e neoconservadoras e sua influência sobre o cenário contemporâneo das relações internacionais; a noção de “ataques preventivos”, programados e/ou realizados; terrorismo (questões pragmáticas e conceituais); regionalização de guerras e conflitos; diferentes sensações e formas de violência; relação entre idéia e expectativa de segurança e a redefinição da relação entre cidadania e segurança *pública*; crise de modelos e práticas democráticas; alianças e cisões políticas (em especial as partidárias); relações entre as noções de império e imperialismo, e suas contradições e ambigüidades, etc.

Considerando as relações entre esses problemas, bem como suas potenciais contradições, o artigo sustenta que esse debate é atual e pertinente e defende a importância e a atualidade do conceito de *exterminismo* proposto por Thompson. Como supõe ao mesmo tempo uma dialética de princípios (a ameaça de *exterminismo* e ações antiexterministas), essa categoria opera elementos úteis para reavaliar possibilidades teóricas e analisar a dinâmica social e aspectos do cenário político contemporâneo. Também oferece um amplo campo de mediações entre esses temas, e favorece diferentes abordagens no campo da teoria social e alternativas de pesquisa.

³ E. P. Thompson (1924/1993): Historiador inglês de tradição marxista, e um dos autores mais importantes, influentes, polêmicos, e citados. Possuía um estilo elegante e de fina ironia, e era um hábil orador. Cf. Referências para suas obras mais relevantes.

1. O conceito de exterminismo

Os estudos de Thompson valorizam a importância da *práxis* envolvendo as práticas, as experiências, aspirações e os valores comunitários da classe trabalhadora. Um dos aspectos fundamentais de seu método é a capacidade de formar objetivos e aspirações para aqueles submetidos a circunstâncias políticas adversas e que precisam estabelecer e defender sua própria opinião política. Desse modo, um dos princípios básicos de sua análise reside na habilidade de articular a teoria a diferentes processos e em constante mudança.

Para Thompson, o *dissenso*, os movimentos de oposição podem obter vantagens e direitos efetivos para a classe trabalhadora. Tal noção de dissenso implicou, em primeiro lugar, um confronto com as correntes comunistas que não admitiam nenhuma perspectiva de mudança na ortodoxia estabelecida. Em segundo, articulados à noção de *dissenso*, o método e as categorias que ele propôs questionam abordagens ortodoxas de pesquisa das relações sociais e dos mecanismos de interação humana.

Além de seu trabalho teórico e historiográfico, desenvolveu também intensa atividade política orientada por sua concepção de socialismo e pela defesa de seus ideais. Sua presença em movimentos pacifistas – e na organização de documentos, ensaios e livros –, seu ativismo político e as constantes polêmicas em que esteve envolvido, associados à importância atribuída aos temas relacionados à luta dos trabalhadores e sua contribuição intelectual para a elaboração de uma “história vista de baixo”, distinguem-no como um dos mais eloquentes, polêmicos e influentes historiadores e intelectuais ingleses.

Seu método é singular justamente por articular, de forma construtiva, aspirações políticas e processo histórico. O pré-requisito dessa abordagem é o de que toda análise teórica deve ser apreendida na prática do “agir humano” (*agency*) e na medida do diálogo entre teoria e evidência, i. e. teoria e pesquisa empírica, mas sem precisar abandonar a atuação política. A análise dos *sujeitos* envolvidos na construção de seus próprios destinos tornou-se o principal foco de seus estudos e define uma relação de compromisso entre sua própria atuação e o que ele considerava um movimento histórico democrático. A partir desse compromisso, ele entende que toda política, história e teoria socialistas devem participar desse *processo de democratização*.

Após os *eventos de 1956*,⁴ Thompson rompe com o Partido Comunista Britânico, torna-se porta-voz e defensor de uma concepção humanista de socialismo e figura chave na Campanha pelo

⁴ Os principais acontecimentos do ano de 1956 têm um importante significado político para Thompson e para sua motivação em defender essa memória e tradição de compromissos. Entre eles estão: o Relatório de Krushev, em uma Assembléia do PCUS, sobre os crimes da era Stalin; a invasão da Hungria (Budapeste) pelas tropas soviéticas; os incidentes envolvendo o controle do Canal de Suez e a tentativa de derrubar Nasser do governo do Egito.

Desarmamento Nuclear (CND)⁵, já no fim dos anos de 1950. Segundo o autor (1980, p. 272), as linhas básicas da política de neutralidade ativa, advogadas desde os primeiros momentos da *new left*, foram discutidas nos conselhos da CND e novamente defendidas, por exemplo, no “Manifesto de 1º de Maio” (*May Day Manifesto*), em 1968.⁶

Sem habilidade anterior, Thompson torna-se um *expert* em assuntos militares, recorrendo às ferramentas conceituais da história social para estudar um novo conjunto de conceitos nos campos da tecnologia militar e de temas estratégicos. Nesse movimento, em 1980, ele propõe a categoria *exterminismo*: tornava-se necessária uma nova atitude teórica e política para apreender as violentas transformações do processo histórico, acompanhadas pela formação de um novo *objeto*, com características irracionais, que poderia *exterminar* toda a população mundial.

Nesse contexto, Thompson (1982a, p. 4-5) percebe a existência de “uma dinâmica interna e de uma lógica recíproca que requerem uma nova categoria de análise”, e elabora o conceito de *exterminismo*, mais adequado para examinar a lógica e a dinâmica dessa nova realidade. Ele sustenta que:

Necessitamos uma categoria nova [exterminismo] para definir esta época clara de história de confronto nuclear – e nunca é pouco dizer que isto não significa, mediante um gesto de varinha mágica, que seja necessário renunciar a todas as categorias anteriores ou que não funcionem mais todas as forças históricas anteriores. (...) Não se trata simplesmente de uma questão de força: é uma questão de legitimidade. Ali onde nenhuma forma de poder está legitimada pela responsabilidade civil e por um processo aberto como é devido, pode ocorrer que uma forma de poder dê lugar a outra. Cada uma destas formas de poder é tão legítima ou ilegítima quanto a outra (Thompson, 1982a, p. 332-338).

O “exterminismo” da guerra fria se baseia na dinâmica do sistema de armamentos. Para além do imperialismo e do militarismo, os sistemas correspondentes a esses blocos são complexos militares e industriais que a população civil é induzida a sustentar (por meio de investimentos, impostos, quotas de trabalho, etc.). Em sua lógica perversa, o processo político serve tão-somente para legitimar e justificar sua própria reprodução. Para reproduzir o sistema, as elites governantes

passaram a precisar de uma situação permanente de guerra, de modo a legitimar sua dominação, seus privilégios e prioridades; para silenciar o dissenso; para exercer a disciplina social e desviar a atenção da evidente irracionalidade da operação. Eles se habituaram tanto a esse modo, que não conhecem outro modo de governar (Thompson, 1982a, p. 22).

Embora pareça um movimento racional, no qual os agentes participantes tomam decisões aparentemente racionais, como assinalamos, no âmago do processo desenvolve-se uma lógica perversa, um sistema de autogeração e um estado generalizado de inércia na direção da destruição

⁵ O fim de semana de 16-17 de fevereiro de 2008 marcou o aniversário de 50 anos da fundação da CND, em 1958. Uma rápida consulta em sua página na internet mostra que o grupo continua ativo e promove manifestações e debates. Cf. www.cnduk.org

⁶ Cf. Williams, R. et al. (ed) (1968). *May Day Manifesto*.

total – a “tecnologia do apocalipse” oferece sua própria previsibilidade: o extermínio da civilização no hemisfério norte.⁷

Nesse sentido, em termos teóricos, o aspecto mais controverso de sua interpretação sobre o sistema da guerra fria talvez seja sua rejeição às noções de imperialismo e militarismo, associadas, segundo ele, a circunstâncias convencionais ou específicas, cada uma expressando diferentes níveis ou aspectos de uma crítica ao capitalismo: conceitos inadequados, portanto, para a análise da guerra fria. Segundo Thompson (1982a, p. 1-2), ambos traduzem um forte conteúdo ideológico e, em sua formulação, expressam a idéia de um sistema racional de início, mas que, ao fim, pode provocar sua própria implosão irracional.⁸

Se as premissas do exterminismo eram problemáticas, as questões propostas continuavam relevantes. Por exemplo, dada a eficiência da tecnologia nuclear, os minutos restantes na iminência de uma crise em que se faria uso dos sistemas especiais de “lançamento imediato diante do sinal de alerta” (*Launch-On-Warning/LOW*) não permitiria tempo para negociações políticas ou outras iniciativas.⁹ A irracionalidade do processo era e permanecia o problema central. Se os processos internos em cada bloco operavam de modo distinto, a tendência continuava a mesma, a de uma dinâmica de guerra que se auto-reproduzia indefinidamente. As noções convencionais de luta de classe não respondiam à urgência da situação, que exigia novas definições, como a categoria exterminismo. As interpretações tradicionais sobre imperialismo e luta de classe, se não deveriam ser negadas, seriam insuficientes para pensar o novo contexto ou, pelo menos, suas tendências e dinâmica. Em suas palavras:¹⁰

Se necessitamos de uma categoria nova para definir essa época específica de história (de conflito e confrontação nuclear) (...), isso não significa que se prescindia de todas as categorias anteriores ou deixem de funcionar as forças históricas anteriores (...) Imperialismos e lutas de classe, nacionalismos e conflitos entre públicos e burocracias, todos continuarão a funcionar com seu vigor de costume; pode ser que continuem a dominar esse ou aquele episódio histórico. Significará, antes de tudo, que uma figura nova, sem fisionomia e ameaçadora, tenha se unido às *dramatis personae* da história; uma figura que projeta uma sombra mais brusca e escura que qualquer outra. E (...) já estamos no interior dessa sombra de extremo perigo. Porque à medida que a sombra cai sobre nós, vemo-nos impelidos a assumir o papel desse personagem (Grifo no original) (Thompson, 1982a, p. 332-333).

⁷ Vale registrar que a categoria de exterminismo também se orientava pela crítica ao princípio de estratégia militar conhecido como MAD (*Mutual Assured Destruction*), “Destruição Mútua Assegurada”. Ironia ou não, em inglês *mad* admite um espectro de significados no campo da “loucura” e da “raiva”.

⁸ Cf. Thompson, E. P. (1982a, p. 1-2). Ele comenta, mas sem maiores detalhes, que “a Primeira Guerra Mundial e o colapso do nazismo seriam exemplos de militarismo e imperialismo caminhando na direção de seus próprios fins”.

⁹ Comentário em resposta ao artigo de Roy e Zhores Medvedev, “The USSR and the Arms Race”, in Thompson, E. P. (1982a, p. 153-174). Eles concluíram que as autoridades soviéticas haviam se burocratizado para conduzir, de modo mais eficiente, uma guerra nuclear e que o sistema soviético era uma simples reação ao militarismo dos Estados Unidos.

¹⁰ Repetimos trecho de citação de propósito para demarcar o contexto.

2. Guerra fria e teatro de sombras

Thompson demonstra como a guerra fria, independentemente de suas origens após a Segunda Guerra Mundial, parecia operar com uma dinâmica própria, uma lógica interna e um conjunto específico de argumentos, o que ocultava o forte interesse dos Estados envolvidos em sua continuidade.¹¹ Ele percebe ainda que a *reciprocidade* das relações entre Estados Unidos e União Soviética era fundamental a essa lógica, um contexto onde uma forma de ação antagônica deveria ser sistematicamente igualada pelo antagonismo da resposta.¹² Esse procedimento era determinante para “os estabelecimentos militares e de segurança serem auto-reprodutivos”.

Thompson (1982, p. 17-18) conclui que a ideologia e a retórica que acompanhavam tal dinâmica eram inerentes ao processo; reproduziam-se a si mesmas não só porque “os serviços militares e de segurança, e seus funcionários públicos, precisam da guerra fria (e) têm um interesse direto em sua continuidade”, mas também porque no interior dos países satélites cada movimento político ou militar deveria ser aprovado pelos governos de Washington ou Moscou, o que reforçava os mecanismos de dominação de ambos os centros.

Para desenvolver essa argumentação, e explicar os perigos contidos no processo político e ideológico da guerra fria, Thompson introduz a metáfora da alteridade (a figura do Outro). Assim, a unidade necessária na “frente doméstica” seria explicada também em termos de preocupação e medo em relação aos “outros”, à ameaça representada pelos “outros”, consolidando, dessa forma, uma noção geral de “nós” em oposição a “eles”. Ao perceber o “outro”, “nós” nos distinguimos em relação a ele e, se o “outro” for construído como uma ameaça, o vínculo entre “nós” é reforçado.

Thompson (1982, p. 18) observa que esse “vínculo por exclusão” é intrínseco à socialização humana; é tão fundamental para a formação e a consciência de classe quanto para a construção de uma nação ou para sujeitar as pessoas a uma ideologia. Esse processo, porém, estabelece uma ameaça e, no limite, incentiva o ódio pelos “outros”.

Nas polêmicas da guerra fria essa cultura foi artificialmente invocada para assegurar os interesses dos respectivos blocos. Ambas as culturas e identidades nacionais (soviéticas e norte-americanas) entrelaçaram-se nas premissas ideológicas do conflito, ao mesmo tempo em que as aprofundaram cada vez mais. A guerra fria contribuiu, nesse sentido, para introjetar o “americanismo” na população norte-americana, reforçar o mito do sonho americano (*American dream*), tornando-o uma atração em oposição à tirania do “outro” mundo, tirânico e sem liberdade.

¹¹ Cf. também Kaldor, M. (1982), “Interview with Mary Kaldor”, *Telos*, n. 51, Spring, p. 90.

¹² Thompson não propunha uma **identidade entre os** blocos, mas sua **reciprocidade**: a interação de ambos os blocos criava um “problema nuclear” internacional e uma situação de equivalência entre eles, *em relação a esse problema*.

Da mesma forma, a União Soviética, não obstante a repressão sistemática a todo dissenso, em qualquer nível, representava-se a si mesma como a defensora do socialismo e o Partido como o titular da resistência ao imperialismo do Ocidente. Entretanto, nenhum dos mundos era o melhor dos mundos, ambos apresentavam novas definições sobre a condição do Outro – e a necessidade da guerra fria novamente revelava-se e regenerava-se a si mesma. Thompson reconhece que:

É uma condição permanente, auto-reprodutora, à qual ambos os adversários estão dedicados. Os estabelecimentos militares dos adversários encontram-se em uma relação recíproca de fomento mútuo: cada um estimula o crescimento do outro. Ambos os adversários precisam manter uma atitude ideológica de hostilidade, como meio de forçar a disciplina ou a coesão interna (Thompson, 1982, p. 23).

Thompson acreditava, portanto, que a Europa (em particular) atravessava uma época contraditória e difícil, ameaçada pela perspectiva do exterminismo. A contribuição mais significativa de Thompson nos debates sobre a guerra fria – mas sobretudo contra a corrida armamentista, a ameaça nuclear e em nome da organização de grupos e movimentos pacifistas –, nessa época, talvez seja o ensaio *Protest and Survive*, de 1980, em resposta ao documento do governo conservador inglês, *Protect and Survive*, sobre como se proteger no caso de um ataque nuclear.¹³

No ensaio *Protest and Survive*, Thompson antevê a Europa não como um teatro de guerra, mas como o teatro da paz, resultante de pressão popular democrática.¹⁴ Mas para esse cenário acontecer seria necessária uma *détente* internacional que assegurasse um futuro independente do sistema de guerra. Ou seja, uma vez definida uma estratégia, as contradições do papel da Europa na guerra fria poderiam ser usadas contra Washington e Moscou.

Ao longo dos anos de 1980, a construção dessa estratégia antiexterminista demandou muito de seu tempo e dedicação, e incentivou várias formas de resistência popular. Uma resistência necessária porque, afirmava ele, a política da guerra fria se estruturava de tal maneira que a idéia de *extermínio* da sociedade era perfeitamente coerente com a lógica do processo.

¹³ Cf. Thompson, E. P. (1980a, p. 33). A publicação do *Manifesto* foi patrocinada pela Bertrand Russell Peace Foundation e pela CND. Cf. também entrevista de Thompson e Cory Coll, conduzida por Harry Kreisler, do Institute of International Studies, Berkeley, em agosto de 1983, sobre “armas nucleares, corrida armamentista e os movimentos pela paz”, editada por Jon Stewart e publicada em *California Living*, Sept. 11, 1983. Cf. <http://globetrotter.berkeley.edu/conversations>

¹⁴ Thompson formulou suas idéias sobre política como teatro e representação de poder, e sobre o contrateatro no protesto dos movimentos populares, especialmente em seus trabalhos dedicados às formas de rebelião nas sociedades pré-industriais e nos primeiros momentos do movimento operário. Cf. Thompson, E. P. (1974, p. 383-405), “Patrician Society, Plebeian Culture”, in *Journal of Social History*, e (1998, p. 25-85), “Patrícios e Plebeus”. A esfera teatral do exercício do poder político busca conformar os governados, manter seu consentimento, ativo ou passivo; perpetuar o respeito às normas, valores e símbolos; fixar os limites do politicamente possível e tolerável. Constitui parte fundamental da hegemonia, domínio não baseado diretamente na coerção material. Cf. Thompson, E. P. (1982a, p. 8-11) a seção “O ‘Teatro do Apocalipse’”, de seu ensaio “Notas sobre o Exterminismo”, para se avaliar a relação entre a idéia de teatro e a lógica da estrutura da guerra fria.

Thompson (1982a, p. 2) alerta: “o que enfrentamos no presente se formou historicamente e nessa medida está sujeito a uma análise racional: mas agora existe uma massa crítica no ponto de detonação irracional.” Lamenta e observa: “Não posso oferecer mais do que notas, fragmentos de um raciocínio. Alguns fragmentos devem assumir a forma de questões, dirigidas ao imobilismo da esquerda”. Sua conclusão (1982a, p. 24) era simples, a de que “essa lógica, caso não corrigida, seria terminal”:

Devemos correr o risco. Pois só podemos acabar com a guerra fria de duas maneiras: pela destruição da civilização européia ou pela reunificação da cultura política européia. A primeira irá acontecer se os grupos dominantes nos superpoderes rivais, percebendo que os argumentos estão mudando (...) e que seus estados-satélites estão se tornando mais independentes, terminarem por compensar essa perda de influência política e econômica com um aumento de medidas de militarização. Isto é (...) o que está acontecendo agora. O resultado será terminal. Mas podemos enxergar uma pequena abertura na direção da outra alternativa. E se acreditamos que essa alternativa seja possível, então devemos redefinir nossas prioridades. Não devemos investir mais nada em mísseis, mas sim o máximo em nossa capacidade de comunicação e diálogo (Thompson, 1982a, p. 30).

Diante desse cenário, para Thompson, a categoria *exterminismo* poderia orientar a análise e estratégias (como a elaboração de uma agenda – de lutas, protestos e proposições). Seu “apelo à razão” convoca os “velhos camaradas” (*comrades*) para novas campanhas. Assim, reconhecer o objeto de análise como “irracional” não seria uma atitude niilista. Mas, ao contrário, motivar a busca de uma nova teoria que, referida também a uma análise de classe, possibilite compreender os acontecimentos e “agir em consequência”: lutar pela razão; encontrar e definir uma racionalidade que favoreça uma estratégia de luta e dirija as ações contra a situação denunciada.

3. Teatro de luzes e antiexterminismo

Em suas propostas rejeitava o jogo maniqueísta “ou-ou”, alimentado pela rivalidade Leste-Oeste e que, nesse contexto, obrigava a maioria dos Estados a escolher e assumir posições: “A guerra fria subjugou os povos em rebanhos pró-Atlântico ou pró-soviéticos e bloqueou qualquer ‘terceira via’ (...)” (Thompson, 1985, p. 245). Coerente com sua defesa do humanismo, ele observa: “Já estamos em risco – Grã-Bretanha, Europa, civilização, o projeto humano (...)”. Lembra também que há uma diferença importante a ser notada naquele contexto:

Na “nova geração” de armamentos nucleares poderíamos controlar os riscos imediatos e manifestos por algum tempo, enquanto o poder autoritário (e sua simultânea manipulação das idéias) torna-se cada vez mais presente e intervencionista e fomos levados na direção de uma contingência imprevisível e não planejada, uma derradeira detonação. Na política de neutralidade ativa deveríamos assumir um risco imediato e consciente, o qual, se sobrevivêssemos, iria engendrar uma nova geração de possibilidades humanas (Thompson, 1980, p. 275).

Embora caracterizados por um profundo pessimismo e uma perspectiva apocalíptica rara em sua obra, os ensaios de Thompson sobre exterminismo concluem com uma visão mais otimista e a formulação de propostas para reverter a situação analisada, ainda que sempre priorizando o cenário

européu. A lógica exterminista, elaborada na perspectiva do confronto com o “outro”, e as relações de poder que engendra, devem ser sabotadas, combatidas e superadas, e insiste, a resistência popular é a que poderia apresentar uma alternativa humana viável. Ao final de seu artigo, *Notes on Exterminism*, ele conclama:

Dê-nos a vitória [nesse processo] e o mundo começará a se mover outra vez. Comece a quebrar esse campo de força e os 30 anos de impedimentos à mobilidade da política européia (...) irão ceder. Nada irá acontecer natural ou facilmente (...): mas, se afastarmos esses blocos da rota de colisão, eles mesmos começarão a mudar. A polícia e os fabricantes e vendedores de armas irão começar a perder sua autoridade e os ideólogos perderão suas falas. Um novo espaço para a política irá se abrir (Thompson, 1980, p. 275).

A partir de 1980, interrompe sua dedicação à pesquisa histórica e, ao lado de antigos companheiros, partilha a liderança de um movimento político internacional de caráter pacifista. Em abril desse ano, funda, ao lado de Ken Coates (ativista da Bertrand Russell Peace Foundation), a Campanha (pelo) Desarmamento Nuclear Europeu ((Appeal for) European Nuclear Disarmament/END) – um movimento pan-europeu para combater os interesses políticos e militares de soviéticos e norte-americanos na Europa, entre outros objetivos. Torna-se, em seguida, um de seus principais líderes.¹⁵

Seu objetivo na Campanha (END) era reverter as bases e decisões da Conferência de Yalta, afastar e reduzir a influência de ambas as superpotências sobre o continente europeu e romper o ciclo de militarização, a seu ver, duramente imposto sobre a população. Ao lado de seus companheiros na END (em suas ramificações britânica e européia), Thompson sensibilizou a opinião pública para além das preocupações usuais sobre mísseis e foguetes, na direção de um debate mais amplo envolvendo questões políticas básicas relativas ao período pós-guerra. Ele buscava, portanto, formas de organização e estratégias de resistência às correntes políticas dominantes da era da guerra fria.

A tradição de uma política libertária aliada ao pacifismo nuclear tornou-se, assim, o eixo de sua atividade política. O ponto central dessa dinâmica é a união mediante a luta – união capaz de articular os interesses organizados ao longo do processo histórico, mas eventualmente conflitantes. Thompson considerava que naquele período (no caso, sobretudo o início dos anos de 1980), as reivindicações pelas liberdades civis poderiam representar um catalisador para os movimentos populares e consolidar um cenário mais amplo para a luta de classe. Essas colocações reafirmam

¹⁵ Além de constituir um movimento pacifista contra as armas de destruição em massa, a favor dos direitos humanos e da preservação ecológica, a Campanha... (END) foi criada para ser um “coletivo” que pudesse oferecer uma teoria geopolítica alternativa para movimentos sociais em luta contra o potencial extermínio da humanidade. Em um processo liderado por Thompson, o grupo reuniu os principais líderes da CND, da International Confederation for Disarmament and Peace e Pax Christi. A END diferenciava-se da CND por propor uma perspectiva internacionalista na análise da corrida armamentista e tentar coordenar e divulgar a luta por um projeto alternativo para a Europa.

sua convicção sobre a necessidade de maior apoio para as campanhas da European Nuclear Disarmament (END).

O programa desenvolvido pela END naquele período procurou organizar um novo radicalismo popular capaz de enfrentar as motivações da guerra fria e seu *status quo*. Seu projeto era o de avaliar e estabelecer a autonomia da Europa e garantir as condições de sua manutenção. Naquele momento, o movimento considerava o cenário do teatro europeu como um todo, ocupando uma posição única, pois oferecia pontos de acesso para o desenvolvimento de um processo de deslegitimação da guerra fria a partir da própria arena de embate entre União Soviética e Estados Unidos.¹⁶

4. Exterminismo, condição humana e internacionalismo

De acordo com seus princípios, Thompson insiste na formação de uma nova consciência. A questão da luta de classe permanece fundamental, mas o imperativo agora é o da salvação da própria *humanidade*, ou seja, com o exterminismo a causa se redefine.¹⁷ Em sua opinião, a luta contra o sistema da guerra fria havia consolidado uma base com a campanha da END. Porém, essa estratégia pan-européia requeria, ainda, uma ampla ação popular e a manutenção de suas atividades pelo menos até que se formasse um novo discurso político entre os dois blocos antagônicos. Nesse contexto, o neutralismo e o não-alinhamento poderiam constituir táticas adequadas para os socialistas, juntando-se a outros movimentos de libertação e de luta antiimperialista onde fosse possível. Essa posição também reafirmava a necessidade de um internacionalismo antiexterminista mais abrangente, de modo a reforçar uma estratégia que viabilizasse as frentes populares em todo o mundo. A nova agenda internacionalista supunha uma recusa inequívoca da ideologia dos dois blocos, negando qualquer compromisso com os ideólogos do exterminismo e a estratégia deveria ser orientada em ambos os lados da “cortina de ferro”. Sua proposta objetiva de uma luta-no-contexto agora representa um “imperativo humano e ecológico”.¹⁸ Ele comenta a respeito:

Esse internacionalismo deve ser conscientemente antiexterminista: deve se opor aos ditames ideológicos de ambos os blocos; deve incorporar em seu pensamento, em suas trocas, em suas atitudes e em suas expressões simbólicas os princípios da sobrevivência humana e ecológica (Thompson, 1982a, p. 29).

¹⁶ Cf. o documentário “Sob a Névoa da Guerra” (*The fog of war*), de 2003, dirigido por Errol Morris, onde Robert McNamara – secretário da Defesa dos Estados Unidos durante os governos Kennedy e Johnson – comenta suas experiências e relembra criticamente fatos relevantes da história estadunidense contemporânea.

¹⁷ Cf. Bahro, R. (1982a), “A New Approach for the Peace in Germany”, in Thompson, E. P. (1982a), p. 87-116.

¹⁸ Cf. também Sukhov, M. J. (1989), “E. P. Thompson and the Practice of Theory: Sovereignty, Democracy and Internationalism”, *Socialism and Democracy*, Autumn-Winter, p. 105-140 – especialmente p. 122-127 –, sobre a noção de internacionalismo.

Em seu artigo de 1991, “Ends and Histories”, realiza uma revisão da categoria exterminismo (suas determinações e conseqüências). Thompson (1991, p. 12) toma como referência uma passagem de seu artigo “Exterminism: the Last Stage in Civilization”: “Era uma contradição não-dialética, um estado de antagonismo absoluto, em que ambos os poderes cresciam por confrontação e que só poderia ser resolvido pelo extermínio mútuo” (Thompson, 1982a, p. 1-33). Ele mesmo contesta a amplitude da conclusão: a idéia de exterminismo pertence ao início de 1980, antes de os movimentos pacifistas começarem a atuar. Recorda que concordou com as críticas de Raymond Williams e outros, e com as observações de que “o exterminismo havia sido superestimado e negado por alguns eventos”.¹⁹

Admite que essa premissa seja em parte verdadeira, embora permaneçam válidos muitos de seus argumentos, como o fato de que “as economias e ideologias de ambos os lados poderiam entrar em colapso sob a pressão de uma eventual segunda guerra fria”. Ele ainda hesita em abandonar por completo o conceito, pois, de acordo com sua avaliação, mesmo em 1991, as bases materiais para o exterminismo permaneciam. Observa também que, como indicava em sua argumentação inicial, sempre devem ser analisadas as bases institucionais do exterminismo: o sistema de armamentos, o conjunto do sistema econômico, científico, político e ideológico de sustentação (...), o sistema social que pesquisa e produz (essas condições) e policia, justifica e mantém o sistema funcionando. Entretanto, para o autor (1991, p. 12), essas condições permanecem; descansam em compartimentos centrais de ambas as economias, esperando uma oportunidade para reativar sua lógica – como a constante modernização dos armamentos.

Por outro lado, Thompson também empreendeu a organização de movimentos de resistência em contraposição à lógica exterminista e esteve envolvido na constituição de uma “Terceira Via”, uma alternativa de organização política dos principais movimentos britânicos (CND, END) e de sua reunião e articulação a outros movimentos pacifistas internacionais, de modo a evitar um eventual confronto nuclear e, sobretudo, eliminar progressivamente os grandes blocos político-militares e a condição de alinhamento engendrada.²⁰ As propostas dessa Terceira Via defendiam o internacionalismo – hegemonicamente de caráter socialista – e a solidariedade subjacente a esses movimentos.

¹⁹ No caso, os eventos da 2ª. metade da década de 1980, em especial o Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty, ou INF Treaty (United States-Union of Soviet Socialist Republics [11 de dezembro de 1987]). Cf. Simon Bromley et al., “After Exterminism”, in *New Left Review* 1/168, March-April 1988.

²⁰ Cf. Thompson (1991, p. 7-25), in Kaldor, Mary (org) (1991). O ponto de partida do ensaio é uma importante crítica de Thompson à idéia de “fim da história”, propalada especialmente por Fukuyama, mas defendida por outros autores em seus diferentes matizes, como Allan Bloom. Aliás, no artigo, percebemos que a idéia de uma “Terceira Via” é anterior a propostas como a de Anthony Giddens – e oposta, em certa medida. Cf. observações à p. 14.

5. Razão e utopia

Uma das principais motivações de Thompson em sua luta pelo fim da guerra fria, e pela causa humanista e pacifista, é o de reafirmar o imperativo da razão humana.

A edição de *The Poverty of Theory* (1978), por exemplo, seria o início de um projeto de publicar uma série de livros sob o tema de *Reasoning* – o que não ocorreu. No ensaio, ele (1978, p. i) apresenta suas críticas a Louis Althusser, mas sobretudo seu temor frente à difusão e à assimilação do estruturalismo por grupos da esquerda e do marxismo britânicos, porque “(...) não se trata apenas de um debate entre duas interpretações filosóficas opostas, mas (...) a ‘defesa da razão em si’”. A intensificação da corrida armamentista nos anos de 1980 e a chegada da Segunda Guerra Fria seriam paradigmas da realização histórica da irracionalidade. No início de seu artigo, “Notas sobre o Exterminismo”, Thompson afirma (1982a, p. 1): “(...) Precisamos de uma análise teórica e de classe válida para a atual crise bélica. Sim. Mas estruturar uma análise racional sucessiva pode, ao mesmo tempo, impor uma racionalidade de conseqüências ao objeto de análise. E se o objeto é irracional?”.

É nesse contexto que deve ser localizado o percurso de Thompson – seu questionamento, protesto, suas críticas contra o absurdo da corrida armamentista, a importância de colocar em xeque sua necessidade e prioridade. Da mesma forma, essa perspectiva internacionalista orienta tal percurso e ajuda a compreender os elementos formadores da categoria exterminismo e as ações empreendidas.

Nesse sentido, para uma avaliação de sua preocupação com as tendências das condições sociais e políticas (bem como as teóricas e acadêmicas) em nível mundial, em sua ‘Introdução’ a *The Poverty of Theory...*, observa que “durante muitas décadas temos vivido ao longo de um contínuo ‘momento de perigo’, de modo que nossa história (e nossa cultura) deve estar alerta a essas condições de perigo e buscar possibilidades de uma resistência democrática” (Thompson, 1978, p. iv). Retoma esse tema e afirma:

Essa é uma época ruim para uma mente racional viver: e, para uma mente racional na tradição marxista, esse tempo não pode durar muito (...) O mundo já vivenciou diversas mudanças de cenário anteriormente. Essas mudanças indicam a solução (ou a evasão) de alguns problemas, o fim de algumas questões e a presença invisível de novas questões, ainda não colocadas. A experiência (...) está irrompendo e exige que se reconstruam nossas categorias. Mais uma vez testemunhamos o ser social determinar a consciência social, à medida que a experiência pressiona e avança sobre o pensamento (...) Este é um tempo para a razão ranger os dentes. À medida que o mundo se transforma, devemos aprender a mudar nossa linguagem e nossos termos. Mas nunca devemos mudá-los sem razão (Thompson, 1978, p. 24).

E uma dessas razões seria o internacionalismo, ponto chave para Thompson. Em defesa de sua perspectiva, argumenta que as possibilidades de resistência democrática não podem se restringir

a uma condição “nacional”, com suas variáveis e pressões particulares. Para ele (1978, p. iv), por exemplo, o fato de Gramsci ter fundado seus estudos sobre uma interrogação sistemática da história e da cultura italianas não o tornou menos internacionalista.²¹ Em suas palavras (1978, p. iv), “o internacionalismo deve consistir não apenas em prestar atenção a um discurso internacional, mas em contribuir pessoalmente para esse discurso. (...) O internacionalismo supõe colaboração e troca; o argumento é seu verdadeiro símbolo”.

Não obstante, esse processo deveria ser mais profundo para avançar mais. No mesmo texto, ao replicar as acusações de Tom Nairn de que Raymond Williams e ele representariam, na Inglaterra, um “socialismo populista”, Thompson defende a bandeira do internacionalismo socialista. Observa que, ao contrário, essa posição tem sido duramente defendida por ele e muitos de seus companheiros e companheiras da “Nova Esquerda”, ao mesmo tempo, contra diferentes frentes de batalha: “o compromisso tem sido com um ‘internacional’ imaginário, que só adquire vida em movimentos reais e afastado, de modo inequívoco, tanto do stalinismo quanto de uma cumplicidade com as razões do poder capitalista”. Conclui que tem sido muito difícil manter esse compromisso, mas acredita que o cenário se modifique, porque, nos últimos anos, parte da esquerda parece ter “recuperado a razão” (Thompson, 1978, p. iii-iv).

Nesse sentido, na “perspectiva otimista”, segundo sua definição, em *Beyond the Cold War* (1982) o conteúdo altamente ideológico da segunda guerra fria fornecia aos movimentos pacifistas oportunidades para sua própria contestação e a construção de alternativas para a aproximação e a convergência entre os movimentos populares da Europa Oriental e Ocidental. Para Thompson (1991, p. 13), como as causas da paz e da liberdade devem chegar juntas (*come together*), da mesma forma “o discurso transcontinental da cultura política pode ser reassumido”. Escreveu em *Exterminism Reviewed*:

(essa) convergência irá romper, transformar ou transcender as categorias de ‘comunismo’ ou de ‘social-democracia’, ritualizadas e inertes há muito tempo (...) Não é que a Segunda Internacional vá chegar a tempo e se casar com a Terceira. Novas forças e novas formas irão substituir ambas (Thompson, 1985, p. 150).

Em 1981 e 1982 essas idéias pareciam utópicas e não foram consideradas para discussão. Por isso, ele ironiza que “agora que esse tempo [1991] chegou, os dirigentes dos meios de comunicação afirmam que ninguém poderia ter antecipado esses eventos”. No entanto, Thompson (1991, p. 13) lembra que – no sentido da “perspectiva otimista”–, em 1982, ele ofereceu uma agenda concreta (para esse processo). Propôs, por exemplo, que todos trabalhassem para a resolução

²¹ Cf. os conceitos de universalismo e particularismo, in I. Wallerstein (2006) *European universalism: the rhetoric of power*, onde seu principal objetivo é alcançar um “universalismo mais universal”. Cf. também Bess (2006, p. 7), sobre o “imperativo internacionalista”, relacionado às experiências de guerra, especialmente ao processo da Segunda Guerra Mundial.

da guerra fria até o ano 2000, com a retirada mútua das forças e das bases militares americanas e soviéticas do território europeu. Em um primeiro momento a data parecia implausível, mas a proposta foi paulatinamente aceita pelos movimentos pacifistas europeus não-alinhados. A dissolução do Pacto de Varsóvia e da OTAN (NATO) passou a ser vista como uma agenda política viável, com etapas intermediárias, incluindo, por exemplo, a progressiva separação das nações das alianças existentes.

Apesar de sua “perspectiva otimista”, seu engajamento (e o dos demais ativistas) pela realização dessa agenda não subestimava a dimensão dos problemas e perigos postos para o futuro. É exatamente na análise dessa projeção que podemos perceber sua sensibilidade política e localizar a importância de se repensar a categoria exterminismo, face, justamente, às novas condições das relações sociais capitalistas.²²

Thompson inicia essa reflexão criticando a noção de “fim de história”, formulada por Francis Fukuyama,²³ e associada à “vitória” dos valores e vantagens da economia de mercado:²⁴

Como é possível que essas prestigiosas pessoas em Washington tagarelem sobre um “fim da história”? Quando eu olho para frente, na direção do século XXI, eu sofro sobre como serão os tempos que meus netos e seus filhos irão viver. Não só pelo crescimento da população, mas também pelo aumento das expectativas materiais universais da enorme população em nível global, que terá de explorar seus recursos no limite. Os antagonismos norte-sul irão certamente se intensificar e os fundamentalismos religiosos e nacionalistas serão mais intransigentes. A luta para manter a ambição de consumo dentro de um controle moderado; para encontrar um nível de crescimento moderado e de satisfação que não seja à custa dos pobres e desafortunados; para defender o meio-ambiente e prevenir desastres ecológicos; para partilhar maior equidade entre os recursos mundiais e assegurar sua renovação – todos esses pontos constituem uma agenda suficiente para a continuação da história. Mas uma agenda que não encontra todas as suas respostas em uma livre economia de mercado. Ao contrário, precisaremos do mais completo repertório de formas (...) Entre elas o socialismo ainda não foi desacreditado (...) O futuro mais viável pode muito bem ser um tipo de socialismo, embora, talvez, um modelo mais individualizado e verde, com fortes resistências antiestatais (Thompson, 1991, p. 20).

De fato ele não chegou a elaborar uma nova teoria, como se propôs, e a categoria de exterminismo não responde à sua inquietação e às perguntas e necessidades formuladas. Mas sabemos que pode expressar o processo de transformação das relações sociais e que deve ser compreendida em função da idéia de lógica histórica por ele definida.

Não obstante, as advertências de Thompson em seus textos sobre o exterminismo soam visionárias, tragicamente atuais. Talvez menos pela perspectiva de uma guerra nuclear, mas pelo

²² Cf. a afirmação de Marx (1865) de que é necessário “considerar as categorias [econômicas] como expressões teóricas das relações de produção formadas historicamente e correspondentes a uma determinada fase de desenvolvimento da produção material”.

²³ Sobre sua recente produção, cf. também Fukuyama (2007).

²⁴ Consideramos essa reflexão como um testamento de sua obra.

reconhecimento da permanente capacidade de transformação do capitalismo e de alimentar novas formas de violência em suas relações, *como é próprio de sua lógica*.

6. Realismo e contradição: conclusões

Uma importante contribuição para essas questões encontra-se no livro de Terry Eagleton, *After Theory*.²⁵ Para Eagleton (2003, p. 221), por exemplo, “com a nova narrativa global do capitalismo, juntamente com a assim chamada guerra contra o terror, é bem possível que o estilo de pensamento conhecido como pós-modernismo esteja chegando ao fim (...) Afinal, foi esta corrente de pensamento que assegurou que as grandes narrativas estavam ultrapassadas.”²⁶

Não obstante seus desdobramentos e contradições, acompanhamos, por exemplo, a trágica cruzada de George W. Bush, em seus dois mandatos, contra o “eixo do mal”, que ressuscitou, até pelos termos religiosos em que foi concebida, o que os pensadores pós-modernos consideravam definitivamente superado. Eagleton (2003, p. 223) lembra que após os eventos de 11 de Setembro (de 2001) alguns termos e expressões tornaram-se voga nos Estados Unidos – como, por exemplo, o “mal”, os “amantes da liberdade”, os “homens maus”, “os patriotas”, os “antiamericanos”. Para Eagleton, essa terminologia não é necessariamente equivocada: paradoxalmente, em uma perspectiva realista, reafirma que a liberdade é um *bem*, um *valor* a ser preservado. Mas a questão é outra: a força desses termos é a de sugerir que, além deles, “nada mais há a ser dito”. São antiteóricos porque “convidam” a se fechar o pensamento e, às vezes, são empregados de forma agressiva e imperativa; insinuam que a teoria seja antipatriótica; que pensar seja perigoso e não se deva conhecer e analisar o que acontece. As discussões devem permanecer, a todo custo, no nível das frases feitas, do apelo moralista.²⁷

Em seu conjunto, as hipóteses de Terry Eagleton indicavam que se forjava o construto de uma nova “missão civilizatória” (e sua matriz histórico-ideológica) como eixo da doutrina de defesa e segurança estadunidense e praticada, sobretudo, durante os governos Bush. Nesse sentido, esse construto traduz as tensas relações, na conjuntura, entre a contraposição dos diferentes matizes de uma idéia de civilização e as bases da categoria de *exterminismo*, tal como formulada por E. P. Thompson.

²⁵ Usamos a edição norte-americana de *After Theory* (New York, Perseus, 2003). O “Postscript”, onde estão os trechos citados, não foi incluído nas edições britânica e brasileira.

²⁶ Os conceitos de “geocultura de legitimação”, e os de universalismo e particularismo, de Immanuel Wallerstein (1991, 1995 e 2006), permanecem contribuições importantes para análise, em uma perspectiva histórico-mundial. Cf. a respeito comentários de Paulo E. Arantes (2004, p. 184-189).

²⁷ Cf. Losurdo, Domenico. *A Linguagem do Império: Léxico da Ideologia Estadunidense*. S. Paulo: Boitempo, 2010.

Não obstante sua feição mais européia – tal como ele defendeu teórica e estrategicamente –, a categoria *exterminismo* adquire *particularidade* em função das relações entre sua conjuntura histórica original e a atual configuração de questões teóricas e políticas.²⁸

Essa *particularidade* pode ser definida pela relação entre “os atentados de 11 de setembro” ao World Trade Center, em New York – então um dos centros do poder financeiro norte-americano e mundial –, e seus desdobramentos contraditórios no processo caracterizado pelos ataques e ocupação do Afeganistão, em 2001, e a invasão e a ocupação do Iraque em 2003. Tais eventos representaram marcos históricos e políticos, dado seu nítido caráter *universal*. Considerando-se esse caráter *universal*, é mais factível pensar abstrações e propor hipóteses para casos particulares, em termos de análises de política mundial e de aspectos da situação sócio-política brasileira, sobretudo em relação à idéia de crise social e suas variantes (especialmente em termos de violência, cidadania e o princípio de segurança pública).²⁹

Em conseqüência, esses eventos singulares interrogam o papel da ONU, o da OTAN e o de outras agências e instituições no atual cenário mundial. Questionam também o significado da presença dos Estados Unidos como estado hegemônico no contexto internacional (sobretudo após o processo eleitoral com a vitória de Barack Obama, bem como as posteriores contradições de sua Administração) e os efeitos de sua interferência nos eventos contemporâneos (conflitos do Oriente Médio; entre Israel, Líbano e os grupos palestinos; a soberania desses territórios; o deslocamento induzido do “teatro de poder” e de seu cenário de guerra – do “teatro da Europa”, como pensado por Thompson, para esses conflitos; a pressão e os questionamentos sobre o programa nuclear do Irã ou o da Coreia do Norte, por exemplo) e a resignificação de noções tais como “paz duradoura” e “eixo do mal”, e de conceitos como classe e luta de classe. Ao mesmo tempo, em sua singularidade, e nas mediações que colocam, esses processos atualizam e redefinem questões para suas premissas (como a relação razão/utopia), bem como para o campo do realismo político, sobretudo a formulação de conceitos e doutrinas, linhas programáticas e tomadas de decisão e eventuais contradições.

De fato, o fim da guerra fria alterou dramaticamente o cenário e as perspectivas históricas. No entanto, poderíamos afirmar que, na atual conjuntura, houve uma efetiva superação da rivalidade bipolar, e/ou de suas premissas, e de uma paz militarizada que caracterizou o período definido como de guerra fria? Que novas condições encontramos nas relações internacionais, na política mundial? Como explicar a transformação desse processo e a natureza da violência social

²⁸ Para efeito da perspectiva do artigo, basicamente o período compreendido entre 2001 e 2009, embora suas diferenças e contradições.

²⁹ Cf. outras análises relevantes: Arantes (2007); Bess (2006); Postone (2003) e (2006); Wallerstein (2006); Foster (2006); Foster e McChesney (2004); Agamben (2007); Harvey (2004); Wood (2005).

contemporânea, em suas diferentes expressões? Nessa perspectiva, a reavaliação da categoria *exterminismo* – e de seus fundamentos – contribui significativamente para esses e outros problemas.

Sem dúvida vivemos um momento adequado para rever e atualizar as idéias de Thompson e as plataformas dos movimentos pacifistas de que participou e das lutas que empreendeu. Suas perguntas e propostas adquirem agora um renovado sentido e maior relevância, pois, justamente, procurou pensar um novo mundo *além e depois* da guerra fria e mostrar como uma nova ordem mundial poderia existir e funcionar, em função dos esforços *conjuntos* de cidadãos e estadistas. Afinal, à medida que essa arena global se abre a novos alinhamentos e conflitos, antes inexistentes devido à dissuasão, ou ao equilíbrio do terror bipolar, formam-se, ao mesmo tempo, espaços para uma nova sensibilidade política, mas também para novas tensões e ameaças.

É com base nesse contexto que o *sentido de razão* para Thompson, o de sua “lógica histórica” e alguns de seus conceitos – como o de exterminismo – guardam e readquirem relevância teórica e política nos dias de hoje. Ao percorrermos suas obras e sua trajetória intelectual e política, identificamos um tema recorrente: a relação entre razão e utopia. Ele defende sistematicamente sua proposta de lógica histórica, o princípio do agir humano (*agência/agency*) e a razão, principal sentido de seu método e de sua ética, como afirmamos. Para ele há uma racionalidade no processo histórico que assegura a inteligibilidade do papel dos sujeitos, da formação de classe, de sua organização e consciência e das condições de luta de classe. Mas, ao mesmo tempo, advoga um princípio de utopia, vital a qualquer luta por projetos alternativos e de transformação da sociedade. Seus textos e seu empenho contra o estruturalismo (seus princípios e efeitos) e a corrida armamentista (pelo desarmamento nuclear) são bons exemplos dessa atitude. Enfim, não devemos esquecer que, para Thompson (1979), teoria sempre **tem** conseqüências!

7. Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. 2 ed., S. Paulo: Boitempo, 2007.

ANGENOT, Marc. *El discurso social: los limites históricos de lo pensable y lo decible*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Extinção*. S. Paulo: Boitempo, 2007.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Zero à esquerda*. S. Paulo: Conrad, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Lisboa: Esfera do Caos, 2008.

BESS, Michael. *Realism, Utopia, and the Mushroom Cloud*. Chicago: Univ. of Chicago, 1993.

BESS, Michael. “E. P. Thompson: the Historian as Activist”, *American Historical Review*, n. 98, 1993a.

BESS, Michael. *Choices under Fire: moral dimensions of World War II*. New York: Alfred A. Knopf, 2006.

- BROMLEY, Simon e ROSENBERG, Justin, “After Exterminism”, in *New Left Review* I/168, March-April 1988.
- EAGLETON, T. *After theory*. New York: Basic Books, 2003.
- FOSTER, John B. *Naked Imperialism: the US pursuit of global dominance*. Monthly Review Press, 2006.
- FOSTER, John B. e MCCHESENEY, Robert W. (ed). *Pox Americana: exposing the American empire*. Monthly Review Press, 2004.
- FUKUYAMA, Francis. *America at the crossroads: democracy, power, and the Neoconservative legacy*. Yale University Press, 2007.
- HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004;
- KALDOR, Mary (ed.). *Europe From Below*. London: Verso, 1991.
- KESSLER, Gabriel. *El sentimiento de inseguridad: sociología del temor al delito*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.
- LOSURDO, Domenico. *A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense*. S. Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. *Sobre Proudhon*: (Carta a J. B. Schweitzer). 1865, in www.marxists.org
- POSTONE, Moishe & SANTNER, Eric L. (ed). *Catastrophe and Meaning: the Holocaust and the 20th Century*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- POSTONE, Moishe. “History and Helplessness: Mass Mobilization and Contemporary Forms of Anticapitalism”, in *Public Culture* 18:1, 2006, p. 93-110.
- THOMPSON, E. P. (ed). *Out of Apathy*. London: New Left Books/Stevens, 1960.
- THOMPSON, E. P. *The Poverty of Theory and Other Essays*. London: Merlin, 1978.
- THOMPSON, E. P. *Writing by Candlelight*. London: Merlin, 1980.
- THOMPSON, E. P. e SMITH, Dan (ed). *Protest and Survive*. Nottingham: CND, 1980a.
- THOMPSON, E. P. e SMITH, Dan (ed). *Protest and Survive*. Harmondsworth: Penguin, 1980b.
- THOMPSON, E. P. *Beyond the Cold War*. Pamphlet. London: Merlin & END, 1982.
- THOMPSON, E. P. (ed). **Exterminism and Cold War**. London: Verso/New Left Books, 1982a.
- THOMPSON, E. P. (ed). “Exterminism Reviewed”, in **Exterminism and Cold War**. London: Verso/New Left Books, 1982a.
- THOMPSON, E. P. *Zero Option*. London: Merlin, 1982b.
- THOMPSON, E. P. *The Heavy Dancers*. London: Merlin, 1985.
- THOMPSON, E. P. *Double Exposure*. London: Merlin, 1985a.
- THOMPSON, E. P. (ed). *Star Wars*. Harmondsworth: Penguin, 1985b.
- THOMPSON, E. P. *Nuestras Libertades y Nuestras Vidas*. Barcelona: Crítica, 1987.
- THOMPSON, E. P. (1991). “Ends and Histories”, in KALDOR, Mary (ed.). *Europe From Below*. London: Verso, p. 7-25, 1991.
- THOMPSON, E. P. *Customs in Common*. New York: New Press, 1993.
- WALLERSTEIN, I. M. *European Universalism: the Rhetoric of Power*. New York: New Press, 2006.

WALLERSTEIN, I. *Após o liberalismo: a busca da reconstrução do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

WALLERSTEIN, Immanuel. “As agonias do liberalismo: as esperanças para o progresso”, in SADER, Emir e BLACKBURN, Robin (org.) *O mundo depois da queda*, S. Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 31-50.

WILLIAMS, Raymond et al. (ed.). *May Day Manifesto: 1968*. Harmondsworth: Penguin, 1968.

WOOD, Ellen M. *Democracia contra Capitalismo*. S. Paulo: Boitempo, 2003.

WOOD, Ellen M. *Empire of Capital*. London: Verso, 2005.